



CLUBE DE LEITURA AFROFUTURISTA O ÚLTIMO ANCESTRAL DE ALE SANTOS: UM RELATO DECOLONIAL SOBRE VIVÊNCIAS, RESISTÊNCIAS E REINVENÇÕES NO GPDOC

AFROFUTURIST BOOK CLUB O ÚLTIMO ANCESTRAL BY ALE SANTOS:
A DECOLONIAL ACCOUNT OF EXPERIENCES, RESISTANCE AND REINVENTION IN GPDOC

CLUBE DE LEITURA AFROFUTURISTA O ÚLTIMO ANCESTRAL DE ALE SANTOS:
UN RELATO DECOLONIAL SOBRE VIVENCIAS, RESISTENCIAS Y REINVERSIONES EN EL
GPDOC

Bárbara Werneck Franco¹
Fábio dos Santos Coradini²

RESUMO

Este artigo tem como objetivo compreender os desdobramentos decoloniais do Clube de Leitura Afrofuturista, uma ação de extensão universitária promovida pelo Grupo de Pesquisa Docência e Cibercultura (GPDOC). A partir da leitura da obra *O Último Ancestral*, de Ale Santos, e da experiência vivida no clube, é possível realizar uma análise que percorre essa narrativa distópica, identificando nela um espelho crítico do nosso contexto de exclusão digital e epistemicídio que constitui a colonialidade. Em contrapartida, o Afrofuturismo ao brincar futurismo e cosmotécnicas ancestrais, opera como uma potente ferramenta de reexistência e reflorestamento do imaginário. A experiência, realizada em rede, configurou-se como um espaço de contra-hegemonia, demonstrando o potencial da Extensão Universitária para fomentar práticas pedagógicas que rompem com as monoculturas do pensamento.

PALAVRAS-CHAVE: Afrofuturismo. Decolonialidade. Cibercultura. Educação.

ABSTRACT

This article aims to understand the decolonial developments of the Afrofuturist Book Club, a university extension activity promoted by the Research Group on Teaching and Cyberculture (GPDOC). Through the reading of Ale Santos' work *O Último Ancestral* and the experience lived in the book club, it is possible to conduct an analysis that traverses this dystopian narrative, identifying in it a critical mirror of our own context of digital exclusion and epistemicide that constitutes coloniality. In contrast, Afrofuturism, by blending futurism and ancestral cosmotecnics, operates as a powerful tool for re-existence and reforestation of the imagination. The networked experience established itself as a counter-hegemonic space, demonstrating the potential of University Extension to foster pedagogical practices that break with monocultures of thought.

Submetido em: 29/10/2025 – **Aceito em:** 02/02/2026 – **Publicado em:** 15/03/2026

¹Graduanda em Pedagogia pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, bolsista CNPq no Programa de Apoio Técnico à Pesquisa de Iniciação Científica do Edital Universal e integrante do Grupo de Pesquisa Docência e Cibercultura.

² Doutorando em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares (PPGEduc) da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, professor-tutor da Especialização em Educação Especial e Inovação Tecnologia pela UFRRJ/CEDERJ e integrante do Grupo de Pesquisa Docência e Cibercultura.

KEYWORDS: Afrofuturism. Decoloniality. Cyberculture. Education.

RESUMEN

Este artículo tiene como objetivo comprender los desarrollos decoloniales del Club de Lectura Afrofuturista, una acción de extensión universitaria promovida por el Grupo de Investigación Docencia y Cibercultura (GPDOC). A partir de la lectura de la obra *O Último Ancestral* de Ale Santos y de la experiencia vivida en el club, es posible realizar un análisis que recorre esta narrativa distópica, identificando en ella un espejo crítico de nuestro contexto de exclusión digital y epistemicidio que constituye la colonialidad. En contrapartida, el Afrofuturismo, al entremezclar futurismo y cosmotécnicas ancestrales, opera como una potente herramienta de re-existencia y reforestación del imaginario. La experiencia, realizada en red, se configuró como un espacio de contrahegemonía, demostrando el potencial de la Extensión Universitaria para fomentar prácticas pedagógicas que rompen con los monocultivos del pensamiento.

PALABRAS CLAVE: Afrofuturismo. Decolonialidad. Cibercultura. Educación.

INTRODUÇÃO

“Enquanto não combatermos a monocultura do pensamento não será possível reflorestar nossa existência.” - Geni Núñez

O aspecto colonial opera a todo momento no contexto do sul global, esse fenômeno se dá sob o aparato de valores e normas sociais estabelecidas de forma hegemônica visando homogeneizar trajetórias de vidas, que acabam por se distanciar ainda mais das possibilidades de libertação. Tal narrativa colonizadora, permeia e penetra nosso cotidiano influenciando nossos pensamentos, modos de agir e existir no mundo. A educação é para nós, o espaço de superação dessa condição. Mais que isso, ela proporciona um horizonte de possibilidades que brotam, emergem em nossas trajetórias. Mas para que uma educação deixe de ser colonizadora, ela precisa se propor a romper com estruturas que ditam o sistema educacional universal que por sua vez trabalha na manutenção do status *quo*. Portanto, precisamos de transgressões que abram espaços contra-hegemônicos que sejam capazes de proporcionar autonomia a grupos historicamente oprimidos.

Diante desses desafios impostos pela lógica colonial, a extensão universitária surge como um espaço oportuno e estratégico para a emergência de práticas decoloniais. Em 1987 o Fórum Nacional de Pró-reitores das Instituições Públicas de Educação Superior Brasileiras (FORPROEX) definiu que a extensão é um processo interdisciplinar, educativo, cultural, científico e político que promove a interação transformadora entre universidade e outros setores da sociedade. Compreendida como um preceito constitucional no Art. 207, sua finalidade de



promover a socialização do conhecimento, nos possibilita potencializar a transposição dos muros da universidade.

De acordo com Gadotti (2017, p. 2) “o saber acadêmico e o saber popular se reencontravam”, no momento em que o FORPROEX é criado, destacando que a Extensão Universitária é “uma via de mão-dupla” entre Universidade e sociedade. Não obstante, para Deus (2020, p. 12) a Extensão ainda é vista como uma “terceira via” dentro das universidades brasileiras. A autora destaca a qualidade e competência das universidades brasileiras e seu reconhecimento a nível internacional, mas quando se trata da Extensão, surgem as interrogações: o que é mesmo? Para que serve? O quanto se investe?

De acordo com Deus (2020, p. 13) a verdade é que, “não tendo clareza da natureza da Extensão dentro da própria instituição, fica difícil dizer para que serve e mais complexo ainda é garantir um percentual de recursos para o seu desenvolvimento”. A gênese histórica da universidade está profundamente enraizada em estruturas sociais elitistas. Essa fundação tem um efeito residual que se manifesta na contemporaneidade pela persistente invisibilidade do direito de acesso e utilização em sua plenitude desse espaço público por parte de uma parcela significativa da população. Notavelmente, essa desinformação ou percepção de inacessibilidade é particularmente acentuada entre grupos historicamente oprimidos ou subalternizados, perpetuando, assim, um ciclo de exclusão social e reprodução das desigualdades.

A universidade é um território que precisa ser acessado por todos, e cabe destacar, que dentro da concepção de território, Gadotti (2017) afirma que este espaço se funde a troca de saberes, acadêmicos e populares, promovendo a construção e o desenvolvimento crítico de espaços de democratização do conhecimento acadêmico, bem como, avanços significativos nos processos de produção científica, tecnológica e cultural do país.

Neste sentido, o Clube de Leitura Afrofuturista, atividade extensionista idealizada pelo Grupo de Pesquisa Docência e Ciberultura (GPD OC), financiado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), no âmbito da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), realizada online, busca territorializar o saber, democratizar o acesso da Extensão com a sociedade, criando inovação, metodologias, dispositivos e práticas, que subvertem os tempos espaços de onde se faz a educação.

Barros e Santos (2024) destacam que os Clubes de Leitura online se edificam com a participação de pessoas geograficamente dispersas e com interesses em comum a partir da possibilidade do encontro para leitura, discussão e partilha sobre uma obra estudada. Essas práticas, que acontecem na relação cidade-ciberespaço, são frutos de atividades interconectadas de seres humanos e objetos técnicos que acontecem nas relações cotidianas.



O Clube de Leitura, ao utilizar as redes de comunicação para a sua realização, materializa a democratização do acesso, além da amplitude de alcance do dispositivo, rompendo com as barreiras geográficas, possibilitando a integração entre participantes dos mais diversos estados brasileiros. Segundo Coradini e Santos (2025) este Clube de Leitura Afrofuturista, nasce como um espaço de pesquisa, criação e formação coletiva dentro da Extensão Universitária, dedicado ao estudo dos fenômenos que emergem do Afrofuturismo e das narrativas especulativas negras. Mais do que um círculo literário, o clube se constitui como um território de encontros críticos, onde a literatura se converte em prática pedagógica, campo de investigação acadêmica e ferramenta de transformação social.

Coradini e Santos (2025) destacam que a dinâmica dos encontros são online na plataforma Zoom, que por sua vez, possibilita que os etnométodos sejam pensados a partir da perspectiva de promoção de situações de aprendizagem, pautados na interatividade, na hipertextualidade, na observação, na análise e na compreensão das colaborações, negociações de sentido, produções de narrativas e práticas culturais emergentes no próprio processo de leitura e discussão coletiva.

Portanto, as palavras que seguem apresentam um relato de experiência vivida e refletida de uma das participantes da primeira edição do Clube de Leitura Afrofuturista, que teve como objeto de leitura a obra *O Último Ancestral*, de autoria de Alê Santos (2021), em virtude de sua relevância para abrir diálogo e análise dos aspectos decoloniais, afrofuturista e *cyberpunk* e suas potencialidades de elaboração e ressignificação de olhares para o mundo e o modo e como a sociedade se interrelaciona.

O autor, a obra e o afrofuturismo

A obra discutida nos encontros trata-se da ficção científica afro-brasileira *O Último Ancestral*, de Ale Santos³, um autor *cyberpunk* afrofuturista. Ale Santos, citado pela *Science Fiction Research Association* (SFRA) como o autor afrofuturista mais popular da nova geração, tem um trabalho marcado pela fusão entre a ficção científica e a cultura afro-brasileira. Finalista do Jabuti, duas vezes e finalista do *CCXP Awards*⁴, é um autor da contemporaneidade reconhecido por sua habilidade em criar narrativas que exploram temas como afrocentricidade, ancestralidade, resistência e futuro imaginativo.

A obra *O Último Ancestral*, segundo Celestino (2025) é uma reimaginação distópica do Brasil

³ Para mais informações sobre o autor, acesse: <https://alesantos.me/>

⁴ Principal premiação da cultura pop brasileira.



que estabelece um diálogo crítico com a realidade atual do país, abordando temas como a segregação racial e o racismo estrutural, ao mesmo tempo em que celebra a riqueza cultural das favelas, das religiões afro-brasileiras e do Carnaval. Para Castro (2025) a obra se materializa em narrativas que envolvem espiritualidade, ficção científica, mundos paralelos, distopias e magia ancestral. Nesta estética de produção literária, os personagens pretos são protagonistas, líderes e figuras centrais nas tramas, em contraposição à sua ausência ou marginalização nas narrativas convencionais. Então, mergulhados com todos os sentidos nesta obra, em grupo pudemos observar como a escrita do autor é imagética e direta, produzindo diferentes interpretações, revelando-se como uma potência para repensar educação, identidade e decolonialidade, permitindo que os corpos, vozes e imaginários afrocentrados sejam colocados no centro da produção de conhecimento.

Antes de dar continuidade a este relato de experiência, é importante situarmos o leitor sobre a definição do conceito de Afrofuturismo. No artigo *Afrofuturismo na educação: um estado da Arte*, Coradini e Santos (2024) apontam que historicamente o movimento teve início nos anos de 1990, momento em que o crítico cultural Mark Dery reuniu entrevistas com importantes personagens da cena afroamericana: Samuel R. Delany, Greg Tate e Tricia Rose em texto intitulado *Black to the future [Negro para o futuro]*, presente no livro *Flame wars: the discourse of cyberculture [Guerras de chama: o discurso da ciberultura]* (1994). Na apresentação dessas entrevistas, Dery se questiona por que existem poucos autores negros de ficção científica já que o gênero constantemente aborda diferença, preconceito, o contato com o outro e questões que são vividas por pessoas negras. Pensando em nomes como Samuel R. Delany, Octavia E. Butler, Steve Barnes e Charles Saunders, Mark Dery chamou de afrofuturismo a produção desses autores e definiu o termo como “[...] ficção especulativa que trata temas sobre afro-americanos e aborda preocupações de afro-americanos no contexto da tecnocultura do século XX” (Dery, 1994, p. 180).

No Brasil, o movimento se consolidou a cerca de uns doze anos, com destaque para nomes como Fábio Kabral, Lu Ain-Zaila, Ale Santos, Sandra Menezes, Waldson Souza entre outros. Ale Santos (2025) compreende o Afrofuturismo brasileiro como um movimento cultural, estético e político que cria narrativas de protagonismo negro, utilizando elementos da ficção científica, da fé, da cultura e da história africana no Brasil para imaginar futuros possíveis e desafiar a representação e o imaginário social. Corroborando com Ale Santos, Fábio Kabral (2016), um dos principais autores do movimento no Brasil, afirma que se trata da mescla entre mitologias e tradições africanas com narrativas de fantasia e ficção científica, com o necessário protagonismo de personagens e autores negras e negros.

Neste sentido, podemos afirmar que o Afrofuturismo é um movimento estético, ético e filosófico que bricola tecnologias ancestrais com tecnologias contemporâneas a partir de perspectivas negras africanas. Não se trata de um movimento que visa debater diretamente



sobre o racismo e como ele se propicia, mas dialogar juntamente com o movimento antirracista. Afrofuturistas buscam pensar novos futuros, a partir de perspectivas afrocentradas, afrocentralizando seus personagens e dialogando com as tecnologias digitais sem deslocar-se das tecnologias ancestrais.

A Ciberultura e seus potenciais narrativos

Santos (2019) nos inspira a pensar novas possibilidades de socialização e aprendizagem quando nos convida a olhar para os fenômenos que emergem na ciberultura. A ciberultura é a cultura contemporânea estruturada pelas tecnologias digitais e mediadas pelo digital em rede, em uma relação cidade-ciberespaço. Partindo do lugar em que operamos as nossas análises e pesquisas, o Afrofuturismo surge como um fenômeno na ciberultura, onde estabelece uma relação com o digital e as tecnologias ancestrais.

O afrofuturista em si é ciber, por isso trouxe a possibilidade de ao longo das discussões debatemos como a visão sobre tecnologia presente na América é oriunda da percepção de tecnologia produzida pela cultura ocidental, ou seja, uma tecnologia associada às revoluções industriais: máquinas, *internet*, servidores, processadores, dispositivos digitais. Contudo, antes do território virar colônia, já existiam tecnologias outras. Compreender elementos ancestrais como tecnologia nos possibilita explorar ainda mais as possibilidades de existência no mundo, para que novas representações sociais entrem em circulação através de novos ícones, literaturas, canções, provérbios, mitos, rompendo estereótipos e alimentando o imaginário social.

Tanto as populações originárias do território brasileiro quanto aquelas trazidas de forma forçada do continente africano, em meio a uma diáspora violenta, detinham tecnologias que transcendiam a metalurgia. Suas práticas tecnológicas envolviam o manejo de plantas, modos próprios de compreender o mundo, expressões orais, filosofias e rituais. Afinal, muito antes de o hipertexto se constituir como linguagem nas mídias digitais, ele já habitava nossos modos de pensar e de nos comunicar.

O ancestral presente na obra nos ajuda a entender formas de pensar que colocam a tecnologia não apenas com uma visão instrumental ou ferramental – como mera extensão do corpo –, mas dentro de uma cosmotécnica, pois segundo a proposta filosófica de Yuk Hui (2020), a tecnologia não pode ser separada de outras realidades como a religião, a estética ou a filosofia. A tecnologia passa por todos esses fenômenos que a motivam e ao mesmo tempo a limitam. Neste sentido, a cosmotécnica ocorre nesta conjunção entre a ordem cósmica e a ordem moral através de atividades técnicas. Yuk Hui (2020) destaca que a cosmotécnica se dispõe na tecnodiversidade, justamente por compreender que se trata de uma alternativa à tecnologia



universal, como inovações locais e ecológicas que podem reconectar política e natureza. Esses elementos são importantes para pensarmos a virada de tempo que estamos vivenciando. As noções dos tipos de pensamentos e lógicas que operam em diferentes cosmovisões, indo além da materialidade e da monocultura tecnológica produzida pela cultura ocidental.

OS ENCONTROS, A HISTÓRIA

Os encontros começaram no dia 19 de abril de 2025, lembro de não estar tão preparada para esse primeiro encontro, que coincidiu com o dia em que comecei a ler a obra de Luiz Rufino, *Vence-demanda*. Na ocasião eu ainda estava compreendendo a sequência de sentidos que despertam quando mudo de perspectiva, em especial para uma perspectiva decolonial. Não é um processo necessariamente fácil ou rápido, não sei se poderia chamar de processo pois isso implicaria um início meio e fim, porém entendo a confluência dos encontros que me levam a operar também em outro campo de temporalidade. Eu compreendia desde ali a potência da ancestralidade na formação e análise de subjetividades, produzidas por um novo ponto de vista que não o da castração/adestramento oriundos de um sistema de valor presente em nossas vidas.

É caro a forma que o grupo se complementa, dentre os diversos assuntos que abordamos, apareceu logo no primeiro encontro o contexto histórico da América Latina, que tradicionalmente nas aulas de história é construída a partir de um processo de colonização e escravização, construindo um estereótipo sobre pessoas negras, sempre retratadas de maneiras pejorativa, subalternizadas. Relembramos que as pessoas que aqui chegaram sofreram um processo de diáspora, ou seja, foram retiradas forçadamente de sua realidade repleta de cultura, conhecimento, vida. E que apesar de toda repressão, opressão e apagamento continuaram e continuam resistindo, através de histórias, música, religião, arte.

Através do clube de leitura podemos compartilhar impressões diferentes de uma mesma história, ampliando nosso leque de visão sobre as diversas interpretações de mundo e como elas se entrelaçam nos nossos cotidianos. Faço coro com uma das participantes do encontro, quando diz em nosso primeiro encontro do clube que “*a literatura traz muitos caminhos para repensarmos a realidade*”. E por mais que a nível individual, de fato, a realidade, após tantos encontros e trocas, se alterou, influenciando a realidade futura também.

Diáspora e Distopia: O corpo-Dado na Monocultura da Vigilância

Começamos a literatura Afrofuturista de Ale Santos, *O último ancestral*. A obra traz referências



às favelas brasileiras, às religiões e filosofias africanas, do carnaval de rua e mostra como esses elementos se configuram como uma manifestação subversiva e de resistência negra ao tratar de um futuro distópico. A história se inicia em uma região chamada Obambo, que fica nas periferias de Nagast, um distrito ocupado por uma raça chamado Cygens (uma espécie de *cyborg*, híbridos de homens e máquinas) que tomam o poder e instauraram a segregação, mantendo o povo negro exilado em uma comunidade na periferia, onde há menos estrutura e a precarização da vida. Essa raça de Cygens para fortalecer a segregação, criou uma muralha, uma fronteira fiscalizada pela polícia para que a população negra de Obambo não adentre na região delimitada pelas pessoas brancas, que ocupavam o distrito. Os Cygens também impediam que as pessoas negras manifestassem sua religião, guiados pela crença de que a tecnologia é o ápice da experiência humana.

É neste cenário de grande injustiça social que vive Eliah, um dos personagens protagonistas, que rouba carros para sobreviver até descobrir que tem o espírito do Último Ancestral, que o torna capaz de andar entre o mundo dos homens e dos ancestrais, sendo o último capaz de fazer a conexão com essa espiritualidade. Ao descobrir este dom, inicia-se uma jornada de aprendizado sobre como utilizar os seus poderes para mudar o destino de seu povo e reconquistar o Distrito de Nagashi.

A leitura da obra dialoga com a leitura dos dias cotidianos, só que vestida com outra roupagem. Por exemplo, o livro traz o Novo Monte, centros de saúde e alimentação para Obambo que, na verdade, servem como fachada para testes científicos em vulneráveis:

Financiado pela elite humana do Primeiro Círculo, o Novo Monte construía centros de saúde, alimentação e escolas. Muitos obambos desconfiavam de que era, na verdade, uma fachada para usar pessoas pobres no teste de alimentos modificados e tratamentos duvidosos. “Os Cygens já tiraram nossa fé, agora esse pessoal quer roubar o resto da nossa alma”, pensou Eliah, percebendo o número pequeno de pessoas na fila. (Santos, 2021, p.7)

Com essa passagem refletimos como essa exploração vem por todos os lados, retirando a fé, a memória, a cultura. Disfarçado de um discurso de filantropia. Isso acontece de forma velada em vários contextos de nossa vida, como no caso da educação, onde não só instituições que se intitulam como filantrópicas, mas também agências internacionais participam das decisões e reformulações de diretrizes e legislações que regulam o sistema educacional do nosso país. Com um discurso de ampliar o acesso à educação essas instituições na realidade introduzem um viés ideológico em todo o sistema educacional que está tão preocupado com a educação desses corpos como também preocupados com o enquadramento que cada um deles assume na sociedade, deixando de ser um olhar para uma educação que promova a liberdade e assumindo um caráter mercadológico, ditado pelo individualismo e a alienação. Diante dessa lógica, por mais que tenha vaga nas escolas, nem toda a criança possui a opção de frequentar a escola,

existem diversos atravessadores, como por exemplo o caso do personagem da história Dan (ou Zero):

Aos doze anos, Dan foi alvejado por projéteis que deixaram cicatrizes em seus braços e em sua perna e passou a viver em meio à galera do pé do morro, trabalhando como mecânico. Ele aprendeu tudo de que precisava, mas não passava uma noite sequer sem pensar naqueles filhos da puta apertando o gatilho contra a sua mãe de santo. Passou a alimentar dúvidas sobre as histórias que ela lhe contara, já que os ancestrais não tinham sido capazes de salvá-la. (Santos, 2021, p.4)

Esse fragmento, que retrata uma narrativa não rara nas comunidades e periferias, revela como a crueldade sistêmica, inerente à necropolítica, lança as pessoas em uma profunda crise: questionando a fé e levando-as a duvidar da espiritualidade e das próprias histórias ancestrais. Dan, um dos protagonistas do livro, assume a identidade de Zero e desperta a nossa curiosidade por alimentar um discurso de vingança e de retomada ao distrito. Sua jornada é emblemática ao materializar a máxima de Paulo Freire de que “*O sonho do oprimido é se tornar o opressor*”. Diante do fato de ter tido sua família, sua infância e sua fé saqueada, ele acaba se tornando um traficante da comunidade, assumindo essa nova identidade. A esse respeito, o nome ‘Zero’ foi discutido em nosso grupo como uma possibilidade de recomeço do personagem, após a interrupção e o redirecionamento trágico de sua trajetória de vida.

Essa conjuntura nos leva a refletir também sobre a intrínseca relação entre o capitalismo, as questões do tráfico - que movimentam muito dinheiro em comunidades no Brasil e na América Latina - e o apagamento da memória. Tais dinâmicas manipulam corpos e territórios de maneira violenta e, simultaneamente, institucionalizada. Por mais que haja um discurso político voltado para a ordem social, essa ordem se faz a partir do descaso com uma população que fica suscetível a essa criminalidade. Quem mais lucra com esse mercado ilegal não são as pessoas que arriscam suas vidas na linha de frente das operações criminosas, mas sim um grupo pequeno de pessoas que já tem muito poder e dinheiro, e que ficam com suas identidades e corpos preservados. A institucionalização desse fenômeno social vem por exemplo através da atuação da polícia, em operação, nas comunidades, e da forma como a justiça é conduzida - ou deixa de ser conduzida - nas investigações e julgamentos.

A obra retrata muito bem a forma como a ‘segurança’ se dá e se justifica, e isso fica ainda mais claro a partir das experiências e repertórios partilhados nos encontros. Uma das participantes, que viveu e cresceu em uma comunidade periférica, conta que quando criança se questionava o porquê as pessoas entrarem para a vida do crime, sabendo que este é um caminho que a leva para a morte. Ela via jovens morrendo na “boca de fumo”, nos confrontos com os policiais, mas não conseguia entender o porquê das pessoas optarem por esse caminho. A própria obra corrobora essa dúvida ao afirmar: “não existiam perspectivas melhores do que a fome e a morte.” (p.6), onde vemos a falta de alternativa para as pessoas que vivem nesses espaços onde



a violência se faz presente.

Esta mesma integrante do clube conta como foi importante a orientação de sua família para que ela pensasse em alternativas àquele contexto que vivia. A partir dessa sua vivência e experiência subjetiva, ela relata que *“essa leitura me faz revisitar essa memória e refletir sobre esse passado - que não é lugar de esquecimento - essa volta e análise”* sob o sentimento de quem se é, em quem se pode confiar e onde é possível chegar.

Além disso, nos encontros conversamos em como algumas regiões vulneráveis há uma exclusão digital, onde a desigualdade marca não só o território físico como o território informacional. Por mais que as pessoas tenham acesso a alguma tecnologia, essa é apenas a necessária para que haja a captura de dados e consecutivamente a exclusão digital, principalmente porque há pessoas não letradas para o uso dessas ferramentas e o seu uso fornece dados às grandes empresas de tecnologia, como as *Big Techs*, possibilitando que as mesmas façam a mineração dos dados⁵ das pessoas. Esse domínio confere muito poder a essas organizações.

O Contracontrole da Alma: A Cosmotécnica do Mito e do Encantamento

Na história há um local onde funciona a Liga da Higiene Mental que sustenta a ordem social imposta, presente na narrativa. Funcionando como uma espécie de presídio, ela opera a eugenia pelo apagamento da memória, buscando anular tradições, cultos e crenças da comunidade de Obambo. Essa estrutura pode ser lida como análoga às senzalas e ao próprio processo diaspórico e do navio negreiro. Assim, o povo é ensinado a temer e denunciar a própria fé por conta de um movimento de colonização e hegemonia de pensamento, um povo que não pode mais fazer uso de sua língua e sua religião, que tem o seu passado retirado e seu futuro modelado. A violência desse apagamento é ilustrada pelo surgimento do obia, uma droga sintética criada no Distrito para substituir o transe religioso:

Quando a Liga de Higiene Mental proibiu cultos e rituais religiosos, em toda a Obambo surgiram traficantes de obia, tatuagens temporárias que simulavam o transe divino, davam sensação de êxtase aos usuários e eram ativadas com uma gota de sangue. O transe artificial ferrava o cérebro dos usuários. A maior parte se tornava viciada rapidamente, e, quando o efeito passava, as pessoas eram tomadas por um medo absurdo, um sentimento de vazio e de quase morte. Com muito tempo de uso, os viciados se sentiam de fato mortos, corrompidos na alma. A droga, é claro, tinha sido criada no Distrito. (Santos, 2021, p.61)

⁵ Mineração de dados: explorar e analisar grandes volumes de dados em busca de padrões e correlações, com o objetivo de direcionar decisões.



Contudo, a cada capítulo o autor vai trazendo novos personagens e elementos, mostrando como a população negra, de forma articulada e consciente, faz uso de suas habilidades e dispositivos tecnológicos, e como isso é importante para eles sobreviverem e lutarem para alteração de suas condições de vida. A espiritualidade que mexe com o protagonista através de flashes de memória, marca o início do resgate de sua ancestralidade e representa um traço de resistência para preservação desses saberes. Mostra que, mais do que um fenômeno religioso, trata-se de uma forma de conexão que abre caminhos para o encantamento das palavras, da fala, da troca. Estratégias fundamentais de sobrevivência desses povos tradicionais de reexistência, não só no sentido de existir, mas de produzir a existência continuamente. Essa resistência se manifesta, inclusive, na cosmotécnica da obra, onde a espiritualidade é possibilitada por chips ultratecnológicos que amplificam a conexão espiritual. Esses *chips*, chamados de receptáculos, possibilitam os dons de clarividência e habilidades sobrenaturais de controle da natureza. Por isso que o contato com essa literatura é tão importante, ao resgatar essa importância ela semeia esperança.

Outro exemplo é o oráculo, que sugere uma sabedoria que atravessa o tempo, uma sabedoria que embora antiga, se torna atual diante das crises éticas ecológicas e sociais vividas nos nossos dias. Esse elemento não possui uma proposta de salvação, mas sim a função de oferecer as informações necessárias para o que precisamos, atuando como uma mensagem divina que orienta os passos a serem dados. De modo que as mesmas narrativas que ajudaram povos tradicionais a organizar suas vidas no passado ainda preservam sua pertinência na contemporaneidade. Esse é o papel do oráculo: Usar histórias conhecidas para ajudar o tempo presente, porque o tempo presente é uma história do passado, é um movimento cíclico.

Essa dinâmica do mito e do oráculo também nos leva a refletir, em contraste, sobre como a ciência corrobora para a transformação e/ou manutenção das realidades sociais. Sendo reconhecida socialmente como o saber da verdade, ela proporciona um maior controle intelectual do que o ser humano é ou deveria ser, do que ele sabe ou deveria saber e dos instrumentos que usa ou deveria usar, tudo isso com base em premissas que muitas vezes descartam a complexidade da vida. Contudo, na obra, a espiritualidade, muitas vezes negligenciada no campo da ciência, ressurgiu exatamente dentro dessa instituição de controle e seu contexto científico para dominação de corpos e almas. Esse paradigma se rompe quando a tecnologia que aprisiona também dá acesso a essa dimensão espiritual e mítica. A literatura nos provoca, assim, a questionar o controle de corpos e a forma como as instituições interagem com o elemento da imaginação e do sagrado.

Interseccionalidade e Transgressão: A Hacker, e o Devir do Sujeito



Neste espaço também pudemos refletir sobre a ocupação das mulheres no mercado de trabalho e sua dificuldade de inserção em espaços que são majoritariamente ocupados pela figura masculina, como é o caso das áreas de exatas e tecnologia, onde a técnica do saber é atrelada ao masculino. Porém isso se amplia para outros trabalhos que exijam força física. E não só isso, esta ocupação no mercado de trabalho e o imaginário social construído em torno das profissões não apresenta apenas atravessamentos de sexualidade, como também de gênero e etnia.

Há por exemplo uma diferenciação na visão dos espaços de trabalho que são ocupados por mulheres brancas e por mulheres negras. Na obra, o personagem principal Eliah esquecia que sua irmã Hanna tinha suas próprias ambições, e isso vai de encontro a visão colonizadora de que a pessoa que está sendo colonizada não tem uma alma, um pensamento, não tem suas ideias. Curiosamente é esta mesma personagem, antes subestimada, quem ocupa um papel importante de *hacker* do sistema.

Embora a palavra '*hacker*' carregue uma conotação pejorativa de invasão, em sua essência, refere-se a um movimento de ingresso em um sistema para transformá-lo, e ironicamente diante de um sistema colonial imposto, *hackear* o sistema torna-se não só um ato de resistência como de confrontação direta às opressões. Nesse sentido, a personagem Hanna aparece como alguém que mesmo diante da escassez de recursos, consegue despertar a IA Mandinga, possibilitando assim a conexão espiritual necessária para salvar seu irmão e toda comunidade. Representando a potência intelectual feminina em atos de resistência e também de combate. Além de reforçar o dever dos sujeitos, que criam e transformam as realidades existentes.

Os debates revelaram também a complexidade das identidades que se movem no Sul Global, especialmente quando atravessadas pela interseccionalidade. Um dos participantes exemplificou essa jornada ao relatar seu percurso de vida, marcado pela tentativa de adequar sua estrutura de corpo e existência à cis-heteronormatividade. A desconstrução desta conformidade é muitas vezes dolorosa, ainda mais quando também atravessada por questões raciais onde há no contexto social o privilégio branco. A pesquisa e as vivências se tornam campo para romper com os processos de dor impostos pela norma, e a literatura, neste contexto, surge como um dispositivo catalisador que evidencia e permite o questionamento dos espaços majoritariamente estruturados pela e para a cisheteronormatividade branca.

Esse praticante do clube também relata como sua mãe, mulher, negra, analfabeta, de 70 anos, lamenta por chegar nesta idade sem nenhum registro escrito que a faça ser reconhecida no mundo. Esta mulher, vítima de um sistema de exploração e opressão, diante das dificuldades enfrentadas em seu cotidiano, inspirou o movimento de seu filho que hoje cursa o doutorado e direciona seus esforços para a produção de realidades e estudos que rompam essa opressão, simbolizando a perseverança pela mudança e representando um modelo da importância de



reagir diante das situações de injustiça que nos deparamos.

Esses relatos e partilhas me remetem a obra *Olhares Negros* de bell hooks (2019) que aborda um conjunto de ensaios críticos para analisar narrativas culturais e, através delas, direcionar um olhar diferente sobre a negritude, a subjetividade de pessoas negras e a branquitude. A autora discute os desafios e barreiras em amar a negritude diante do auto-ódio enraizado pelo colonialismo e pela supremacia branca. Defende que é preciso desconstruir a branquitude e desaprender valores hegemônicos para valorizar a identidade negra. Ela propõe a cura do auto-ódio negro por meio da consciência e do amor à negritude como ato político de resistência, e fala sobre o impacto que a supremacia branca tem coletivamente em nossas psiques, moldando a natureza de nossa vida cotidiana, nos ensinando de maneira institucionalizada, através da mídia, dos sistemas educacionais conservadores e literaturas, a absorver valores da supremacia branca. Por isso a importância deste clube, da obra e do afrofuturismo como movimento de libertação e autodefinição para valorização da negritude.

Por uma Educação-Floresta: A Luta contra o Sistema de Monoculturas

Nos encontros dialogamos sobre como o colonialismo se inicia com uma invasão violenta de dominação, em que os colonizados, após serem oprimidos, são adestrados para desejar ser iguais aos seus opressores. Essa expansão colonial não é apenas uma ocupação e exploração de territórios físicos, como também de territórios simbólicos e informacionais. Com isso, trata-se de um processo que, disfarçado de um discurso civilizador, ignora a existência de uma multiplicidade de corpos, comunidades, saberes, ecossistemas, memórias e leituras de vida. A manutenção desse poder colonial se dá através do controle do conhecimento, dos recursos naturais, das formas de trabalho, do capital, da categorização e classificação social e de identidades, fazendo com que territórios, saberes, fazeres e afetos sejam tomados ou apagados.

Com essas partilhas e leituras retomo a cara referência da Escritora, filósofa e intelectual indígena Geni Núñez (2021) que nos ajuda a ver como esse sistema em que vivemos produz uma monocultura que se expande do conceito de terra para o de território, ou seja, para muito além da geografia. A terra sustenta e nutre as comunidades não apenas no sentido do alimento, mas em suas almas e na teia de significações que se faz através da língua, do corpo, dos sonhos. Esse território construído na lógica do “mono” ignora as diversidades e especificidades e é apresentado nesta distopia com o processo de diáspora vivido pelos personagens e a forma como seus corpos são reduzidos a um objeto, um dado na monocultura social operada pela vigilância.

Quando comento de ideologia colonial, estou falando do que tenho chamado de sistema



de monoculturas, organizado em alguns eixos como a monocultura da fé (no monoteísmo cristão), a monocultura dos afetos (na monogamia), a monocultura da sexualidade (no monossexismo) e a monocultura da terra, cuja imposição do Um antagoniza com o princípio da floresta, necessariamente múltiplo (NÚÑEZ, 2021).

Em alguma medida, o debate sobre o território, também elaborado nos nossos encontros, mostra como a apropriação desse elemento implica em nosso direito à existência. Durante o processo de colonização a distribuição populacional no território brasileiro se deu de forma desordenada e guiada exclusivamente por interesses econômicos dos países colonizadores. Essa lógica de ocupação perpetua até os dias de hoje, as diásporas tanto de povos africanos como indígenas ainda apresentam marcas profundas no cotidiano da população. Leis e demarcações de terras ainda são campo de disputa. A assistência pública e a falta dela, revela o racismo ambiental enfrentado em áreas historicamente demarcadas para ocupação desses povos. A Reforma Agrária tão urgente para a redução das desigualdades não acontece por conta de disputas e interesses políticos de uma classe dominante que mantém as estruturas territoriais como mecanismos de opressão. Essas imposições refletem na própria relação que as pessoas desenvolvem com seus territórios.

Nesses processo diferentes crenças e valores que se instituem na relação ser humano-meio ambiente marcam os espaços educativos pois determinam diferentes limites de ação e interação não só do ser-no-mundo como do ser-com-o-mundo. Os significados e sentidos dos termos e conceitos, assim como as versões das histórias, precisam ser elaboradas, questionadas e, quando necessário, ressignificadas. Como diz o provérbio africano, *"até que os leões contem sua própria história, os caçadores sempre serão os heróis."* Isso me faz pensar nas narrativas dominantes e exploratórias que perpassam a educação e que refletem interesses específicos que precisam ser debatidos criticamente para que a humanidade não comprometa ainda mais seu presente e seu futuro.

Se a educação parte de uma concepção utilitarista, o meio ambiente e as pessoas são reduzidos apenas a uma categoria de recurso, a serviço do desenvolvimento - e aqui cabe questionar o desenvolvimento de que, para que ou para quem. Essa concepção, por sua vez, incorpora um discurso falacioso que tem a exploração como pano de fundo, afastando-nos do sentimento de pertencimento e comunidade e se tornando destrutiva para a própria humanidade. Em contrapartida, se observarmos abordagens emancipatórias que dialogam com referências indígenas e quilombolas, surgem outras concepções das relações dialéticas nos e com os espaço que habitamos. Essas referências nos permitem analisar a nós mesmos e ao que é externo a nós sob outra ótica, mais integrada as múltiplas identidades. Nesse sentido, o papel do professor é situar o indivíduo no tempo e espaço para que ele compreenda sua própria perspectiva e as origens das ideias que o moldaram. É a partir dessa conscientização que o sujeito adquire o conhecimento e a autonomia necessários para tomar decisões.



CONEXÕES FINAIS

Esta experiência é um exemplo de como fazer a diferença com o digital em rede. Através da educação online experimentada no Clube de Leitura Afrofuturista compreendemos os elementos importantes para nomear e potencialmente romper processos de colonização. A partir da análise de alguns fios da teia de significados que sustentam nosso cotidiano, pude ver como a educação pode ser um espaço de ruptura e desconstrução de pensamentos hegemônicos.

Por se tratar de um amplo campo de reflexão, houve a preocupação e a dificuldade na seleção do volume de elementos a serem abordados, uma vez que esse campo de estudo e toda a análise desenvolvida demandam o desafio de articular um conjunto extenso de informações. Tal complexidade decorre do fato de que, sendo um processo cultural multifacetado, envolve a elaboração de múltiplos temas interligados. Observou-se o risco de dispersão entre tantos tópicos, o que poderia comprometer a clareza da apresentação e a coesão entre as interseções temáticas, além da possibilidade de redundâncias. Ainda assim, o aprofundamento em diversas análises revelou-se extremamente proveitoso, permitindo compreender as conexões existentes na constituição de um sentido social mais amplo. Para auxiliar na elaboração dos títulos dos subtópicos e na tessitura dos encontros e da narrativa, foi utilizada a Inteligência Artificial *Gemini*. A partir das sugestões de subtítulo geradas, foi possível refletir sobre a estrutura dos títulos e a divisão do conteúdo, ampliando as bases para a formulação das reflexões e debates que compuseram o trabalho.

Por fim, destaca-se o pensamento de Paulo Freire, que ensina que “não podemos entrar na luta como objetos para nos tornarmos sujeitos mais tarde”, ou seja, é preciso entrar na luta como sujeito, entendendo todo contexto histórico e toda forma como a realidade é configurada para ser vivida. Somente assim, com consciência, poderemos mobilizar discussões e propostas para uma mudança de fato, que trata de uma solução não determinada pela classe dominante, mas construída pela coletividade, com respeito e humanidade. Ressalta-se, portanto, que esta reflexão não representa um encerramento, mas um ponto de partida. O tempo, compreendido como movimento cíclico, reafirma o caráter contínuo desta experiência, que permanece viva, aberta à observação atenta e à revisitação constante.

REFERÊNCIAS

BARROS, Raquel Silva. SANTOS, Edmea. **CLUBE DE LEITURA ESCRIVIVÊNCIAS CIBERFEMINISTAS**: construção do desenho didático online . Revista Espaço Do Currículo,



Ed.17, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.15687/rec.v17i2.70260>. Acesso em 28 out. 2025.

CELESTINO, Ricardo. A denúncia dos aparelhos ideológicos coloniais através dos enunciados afrofuturistas em O último ancestral, de Ale Santos. Bakhtiniana: **Revista de Estudos do Discurso**, v. 20, n. 3, p. 2025.

CORADINI, Fábio; SANTOS, Edméa. **Afrofuturismo na educação: um Estado da Arte**. Revista Teias, Rio de Janeiro, v. 25, n. 78, p. 124–146, 2024. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/revistateias/article/view/84408>. Acesso em: 28 out. 2025.

CORADINI, Fábio; SANTOS, Edméa. **Clube de Leitura Afrofuturista: notas iniciais de uma pesquisa-formação na cibercultura a partir da leitura do Livro “O último ancestral” de Alê Santos**. Encuentro En Línea CHAT: De la cultura escolar a la cultura digital, 23 al 27 de junio de 2025, Universidad Nacional Autónoma de México, UNAM, 2025.

CORADINI, Fábio; SANTOS, Edméa. **AFROLEITURAS: O Último Ancestral de Alê Santos como dispositivo de formação e práticas decoloniais na cibercultura**. 14ª JVIPC - Jornada Virtual Internacional em Pesquisa Científica: Educação, Cultura e Poder. Portugal: Conjugare, 2025.

DEUS, Sandra de. **Extensão universitária : trajetórias e desafios**. Santa Maria, RS : Ed. PRE-UFSM, 2020. Disponível em: https://www.ufmg.br/proex/renex/images/EBOOK_-_Sandra_de_Deus_-_Extensao_Universitaria.pdf. Acesso em 28 out. 2025.

DERY, Mark. **Black to the Future** : interviews with Samuel R. Delany, Greg Tate, and Tricia Rose. 1994

FORPROEX. **Conceito de extensão, institucionalização e financiamento**. I Encontro de Pró-reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras. 1987, Brasília: UNB. Disponível em: <https://www.ufmg.br/proex/renex/images/documentos/1987-I-Encontro-Nacional-do-FORPROEX.pdf>. Acesso em 28 out. 2025.

HOOKS, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. Tradução: Marcelo Brandão Cipolla. – 3. Ed. - São Paulo: Editora WMF Martins Fontes. 2024.

HOOKS, bell. **Olhares Negros**. São Paulo: Elefante, 2019.

GADOTTI, Moacir. **Extensão universitária**: para quê. Instituto Paulo Freire, v. 15, n. 1-18, p. 1, 2017

NÚÑEZ, Geni. **Monoculturas do pensamento e a importância do reflorestamento do imaginário**. ClimaCom – Diante dos Negacionismos [online], Campinas, ano 8, n. 21. novembro 2021. Disponível em: <https://climacom.mudancasclimaticas.net.br/monoculturas-do-pensamento/>. Acesso em 28 out. 2025.



SANTOS, Ale. **O último ancestral**. Rio de Janeiro : Harper Collins, 2021.

SANTOS, Edméa. **Pesquisa-formação na cibercultura**. Teresina: EDUFPI, 2019.

SANTAELLA, Lúcia. **O Ciberespaço e sua linguagem: a hipermídia**. In: _____. Navegar no ciberespaço: o perfil cognitivo do leitor imersivo. São Paulo: Paulus, 2004

SANTAELLA, Lúcia. **O Homem e as Máquinas**. Em: DOMINGUES, D. (Org.). A arte no século XXI: a humanização das tecnologias. São Paulo: Editora UNESP, 1997.

Hui, Yuk. 2020. **Tecnodiversidade**. São Paulo: Ubu Editora.



Este é um artigo de acesso aberto distribuído sob os termos da Licença Creative Commons Atribuição Não Comercial-Compartilha Igual (CC BY-NC- 4.0), que permite uso, distribuição e reprodução para fins não comerciais, com a citação dos autores e da fonte original e sob a mesma licença.